

GOSTO de ouvir os jovens. Transmitem-nos sinceridade, adesão e irreverência, sobretudo irreverência. Não há nas suas falas «os mas», daqueles a quem os encontrões da vida foram moldando para o compromisso.

Tomo contacto com Cardoso Pires, depois de lidos os seus dois livros de contos: «Caminheiros» e «Histórias de amor». Interesse-me e procuro fazê-lo falar. Satisfaz-me a sua espontaneidade. Depois, para dar mais largueza, mais expressão a algumas respostas entreguei-lhe um questionário com meia dúzia de perguntas. Resultado: um certo formalismo. É sempre o diabo, um papel posto à frente dos nossos olhos. Limitamo-nos, à força de desejar fugir à limitação.

Começa-se bem quando se começa com Cardoso Pires, um homem que aos vinte e poucos anos já foi estudante universitário, angariador de publicidade, empregado de escritório, apontador de cais, piloto, intérprete, agente de vendas e redactor de uma revista. Vencidas as influências, terá que contar. Mas há ambientes, há situações deslocadas do meio em que vivemos! Veremos. «Pequenos Vampiros», existem em qualquer grande cidade e os Americanos não influenciaram só Cardoso Pires, influenciaram toda uma Lisboa nocturna e subterrânea com os seus filmes. Mas há, também, uma experiência diferente, variada; Sente-se que o escritor de «Histórias de amor», tem alguma coisa para dizer. Se os seus dois primeiros livros — esse e «Caminheiros», — não são a obra-prima que muitos exigem dos outros e não são capazes de fazer, as suas histórias trazem alguma coisa de novo à moderna literatura portuguesa.

Converso com Cardoso Pires, enquanto vagabundamos pela Cidade Nova. Pergunto-lhe:

— Quais dos modernos escritores portugueses mais admira?

— Redol, o segundo elo da cadeia neo-realista iniciada por Ferreira de Castro. Redol com o ciclo do «Port-Wine», vem abrir um capítulo novo à nossa literatura. Entre estes dois limites, outros escritores portugueses me parecem de envergadura. Um Carlos de Oliveira, um Tomás de Figueiredo, com quem não concordo, mas a quem devo prestar justiça.

— Falou do romance. E do conto?

— Manuel da Fonseca.

— Mas apenas Manuel da Fonseca?

— Não. Não posso deixar de citar Rodrigues Miguéis, João Araújo Correia, Marmelo e Silva, Branquinho da Fonseca e Maria Archer, contistas que leio e de quem tiro proveito.

— Você nasceu em Lisboa?

— Não. Sou da Beira, mas vivo aqui desde criança.

— Portanto é daqui a sua experiência da vida?

— Sim.

— Por que não se agarra a ela? Não o seduz o romance da cidade?

— Só agora Lisboa começa a ser uma grande cidade. Onde é você? Do Algarve. Onde são todos os escritores portugueses; da província. Lisboa, antes da última guerra, não era ainda um meio provinciano? Acho que só agora começa a ter problemas e figuras de grande cidade.

— Onde decorre a acção do seu romance «As pegadas e o vento»?

— Romance não. Narrativa. Têm uma figura central mas, pela variedade de processos, de conjunto das personagens, algumas das quais não são físicas e sim pequenas histórias, aproxima-se mais do narrativo. Melhor: corresponde à designação italiana de «cronaca». É uma narrativa de cidade, que decorre entre 1945 e 1952. As suas personagens são os jovens com os seus problemas, as suas vidas, os seus anseios.

Diz-me da sua forma de escrever:

— Sem falsa modéstia, antes com orgulho, considero-me um aprendiz em vez de escritor. Não veja humildade nisto. Veja a necessidade de um homem que ama sobretudo experimentar a realidade e, logo, experimentar a expressão que convém a essa realidade em movimento. Nisto sim, olho com devoção o grande Pablo Picasso. Se o considero em muitas produções ultrapassado, noutras vejo-o com um avanço assombroso sobre os demais artistas deste tempo.

Entro uma manhã em casa de Cardoso Pires. Enquanto o espero, corro com os olhos as lombadas dos livros numa estante. Inglezes, americanos e quase todas as obras de Camilo. Sinto o encontro do escritor com os autores que são, acima de tudo, força, vibração, dinamismo. O ambiente é simples. Relembro um retrato de Lima de Freitas, algumas peças de cerâmica e, sem querer, volto-me para os meus tempos de estudante. Isto porque sinto entre estas quatro paredes um bafo vibrante de juventude.

— A capacidade emotiva de uma obra — diz-me — é função directa de predisposição do leitor. A actualidade do artista julgo que está em saber falar ao homem a quem se dirige descobrindo problemas, acontecimentos passados ou presentes que o interessam. Daí a imprescindível tendência para se integrar o caso dum herói numa contingência geral, o mais rica possível de descobertas e ângulos de observação. Um livro convence-me, faz-me aderir a ele, porque de antemão, consciente ou não, me encontro preocupado com as questões que aborda. Neste momento, por exemplo, nada me emocionaria mais do que o discurso final do Vanzetti. Isto porque acabo de reler o espantoso «Escrito sob a Força», de Julius Fueil. Estes paralelos, esta actividade do leitor perante a obra de arte são fundamentais no presente e no futuro da literatura, como o são no caso da pintura. Se leio Cervantes, se vejo Bosch ou Guttuso, estabeleço comparações com épocas, fenómenos, situações históricas; em suma, tomo parte no trabalho de criação, interfiro. Desde que ouvi contar a uma velha provinciana as histórias da «Nau Catrineta», e do «Bernal Francês», que depois fui encontrar, com assombro, num folheto entre os Texas Jack de infância, não me lembro de ter sentido maior prazer do que o daqueles verdes anos perante uma experiência literária. O tempo modifica-nos e hoje, os escritores que mais perduram nas minhas preocupações sofrem inevitavelmente de um tipo de análise a que não faltam os vícios de ofício. Daí que ao lado de Fernão Mendes Pinto e Cervantes, cite Hemingway como autores que mais admiro. Daí que, nomeando além destes, dois portentosos escritores do pós-guerra, Norman Mailer e Roger Vaillant, considere mestre da prosa Camilo, autor em que não encontro qualquer actualidade.

— Por que põe à frente de todos Fernão Mendes Pinto?

— O estilo da «Peregrinação» é do mais actual, mais moderno que se pode escrever hoje. Repare no só aparente estilo pessoal, no talento com que o autor, falando na primeira pessoa, consegue não parecer intervir no desenrolar dos acontecimentos. Hemingway e Crane não descobriram a pólvora deste género de contar. Quando lembro a maneira como Mendes Pinto incute uma moral através da acção e dos factos ordenados, penso no que muitos consideram nascido no «Suspense rouch» dos americanos. Onde está na «Peregrinação» essa imprescindível contemplação, esse congeminar introspectivo, ainda que directo, que se diz provir da mais recuada tradição ibero-gaulesa? «Nau Catrineta», Cervantes, Fernão Mendes Pinto... «Lá vai a Nau Catarineta...». Este «lá vai» tem o sabor do desconhecido.

— Por que começou a escrever?

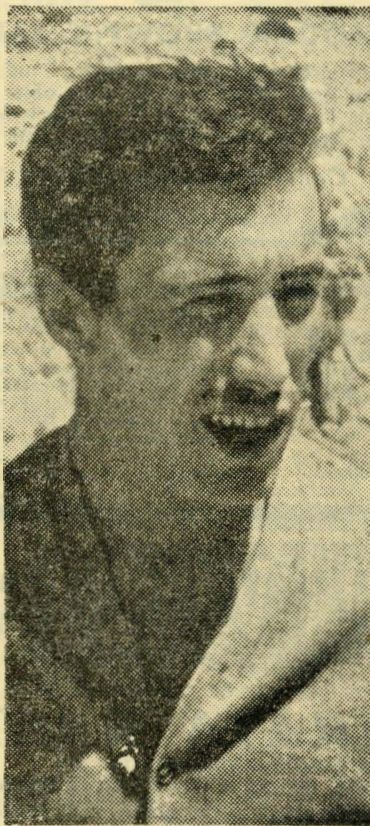
— Porque me meti a escrever não faço já ideia. Sei que, quando comecei, me fazia um grande jeito um esfumado dinheiro que recebia pelas «notas da leitura» de «As Afinidades», mas duvido que a mira económica fosse tudo. De resto, se o fiz, tive muito tempo para tomar juízo e verificar que me tinha enganado, e aprender a jogar hóquei ou a ser locutor da rádio. Tenho uma vaga filosofia caseira, sei um bocadinho de línguas, o trivial para anunciar banha de cobra num posto emissor, ter automóvel, celebridade e viver honestamente para a posteridade.

— Falou-me da «Peregrinação», digamos, com um bisturi na mão, escalpelizou-a; mas antes da autópsia não foi absorvido pela aventura?

— Sim, certamente.

Finalmente Cardoso Pires fala numa novela que vai publicar em Outubro «Hóspede da mais negra providência», e diz que ela vive um pouco o drama da influência americana no nosso país.

Encontro com CARDOSO PIRES



Cardoso Pires